

João Maurício Brás

O ATRASO PORTUGUÊS

**MODO DE
SER OU
MODO DE
ESTAR?**

NÃO-FICÇÃO · POLÍTICA

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
PARTE I	17
O quadro geral do nosso atraso	19
Somos dos mais atrasados da Europa a que queremos pertencer	27
Portugal, pensar e agir	36
Atraso e decadência	45
Mas alguma vez fomos modernos?	53
Parece que temos um enorme passado pela frente	65
As reformas. A nova regeneração	71
Não há modos de ser, mas modos de estar	79
As similitudes do atraso entre Portugal e Espanha	86
Uma chave para nos compreendermos. O regresso a Antero de Quental	91
Mas de que falava Antero?	101
PARTE II	117
Retratos do nosso atraso	119
Portugal analisado ao volante	119
A culpa é deles	124

Os caranguejos portugueses	126
O desporto nacional de dizer mal do chefe	127
O super-homem lusitano	130
Trabalhar muito, ganhar pouco e produzir menos	131
Má religião e má política	135
A longa influência da Inquisição	140
O estadismo democrático absolutista	145
O umbiguismo nacional	148
A sociedade do paleio	149
Corrupção e a cunha, traços identitários	151
O nosso pensamento crítico e a falta dele	158
A má relação com o espaço público.	
Reagir em vez de agir	162
O povo e as elites	167
A nossa atitude perante o conhecimento	172
O «destino» da nossa inteligência: ciência e educação	176

INTRODUÇÃO

Existem, no século XXI, dois países em Portugal: o das televisões e da propaganda política e mediática e o país real, o Portugal dos últimos séculos, invariavelmente atrasado e medíocre, segundo os indicadores dos países da Europa com os quais nos queremos comparar. Este atraso é secular e estrutural, e está patente num número significativo dos mais importantes indicadores sérios e fundamentados.

Portugal tem um grave problema estrutural e também consigo próprio, e o pior é que esses problemas nos afectam e condicionam as vidas de gerações sucessivas, e nunca nada parece mudar, a não ser nas aparências. Sabemos que qualquer crise nos afectará, inevitavelmente, do pior modo, e os nossos sucessos são muito precários e duvidosos.

Na lista total dos países nos relatórios sobre o Desenvolvimento Humano¹ elaborados anualmente pela ONU, não estamos mal classificados, mas quando comparados com os países do nosso continente, não estamos entre os primeiros 25. Nos países com melhor qualidade de vida, encontramos sempre a Suécia, a Noruega, a Holanda, a Finlândia e a Alemanha, mas nunca o nosso país, excepto quando as referências são o sol, as praias e a gastronomia.

Portugal, comparado com estes países, até mesmo no plano do desenvolvimento e do crescimento, apresenta diferenças que nos colocam no que parece um outro planeta. Vivemos também num ciclo

¹ Listagem incluída no Relatório de Desenvolvimento Humano de 2020 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), da Organização das Nações Unidas (ONU), compilado com base em dados de 2019 e publicado no dia 15 de Dezembro de 2020.

fechado de auto-engano sobre os nossos sucessos, com a euforia de qualquer dado ou conquista circunstancial e a mais profunda depressão dos choques sucessivos com a realidade. Convém repetir várias vezes que o discurso das televisões e da política só por mera coincidência reproduz o que se passa de facto no plano dos dados concretos.

Na nossa história, encontramos diagnósticos políticos, filosóficos, económicos e sociológicos certos, mas predomina sempre uma impotência crónica em relação à verdadeira transformação estrutural do país. A culpa é sempre do outro, nunca nossa.

Um país não atrasado tem, não apenas conjunturalmente, crescimento económico, maior organização a todos os níveis, menos interferência estatal, melhores salários, mais produtividade, melhor escolaridade efectiva e, simultaneamente, um desenvolvimento elevado, menos desigualdades sociais, mais possibilidades de mobilidade social de acesso a uma educação de qualidade que prepara efectivamente, e não apenas para efeitos estatísticos, e uma cultura e imprensa que não copiam, e mal, o que já se fez. Menos corrupção, maior desenvolvimento da ciência e da tecnologia, bons serviços de saúde, justiça célere e independente e escolarização de qualidade não podem ter apenas qualidade circunstancial.

Temos adiado por séculos a mudança necessária para um Portugal moderno. O nosso atraso é secular. Nuno Palma² refere amiúde que as raízes do nosso atraso são muito anteriores ao Estado Novo, bode expiatório do fracasso da nossa democracia, tanto a nível económico como político e institucional. Palma diz algo decisivo sobre o problema português; continuamos a atrasar-nos e por

² Professor de Economia na Universidade de Manchester. Autor incontornável, especialista em história económica e macroeconomia. Com ensaios e textos fundamentais, apenas se viu conhecido em 2021 porque defendeu no colóquio Movimento Europa e Liberdade (MEL), na sua comunicação «As Causas Míticas da Divergência Económica Portuguesa», que houve crescimento económico num período do Estado Novo, e que o nosso atraso tem factores anteriores. No debate e na análise da realidade portuguesa, há um viés partidário que tudo turva. Ficamo-nos, regra geral, pela culpa do Estado Novo, quando esse é apenas um aspecto.

responsabilidade nossa: «Portugal está a falhar hoje, porque estamos a divergir da Europa há duas décadas, e isso tem pouco que ver com o Estado Novo. Tem, sim, tudo que ver com os políticos e as instituições de hoje.»³ Não só estamos atrasados como continuamos a trilhar e a aprofundar esse caminho, sem que haja sinais de mudança, mas apenas manobras de cosmética e propaganda para as quais colaboram activamente todos os governos e forças políticas, os média e a sociedade civil.

Lendo ainda Nuno Palma: «... A situação actual em que estamos é gravíssima, a maior parte das pessoas não está consciente do que se está a passar. Estamos a ficar cada vez mais pobres em relação à Europa. As gerações futuras estão a ficar comprometidas. Isto está a passar-se há mais de 21 anos. Isto devia abrir todos os jornais, todos os dias. Também falei das causas. Há causas próximas, e outras mais profundas ou fundamentais.»⁴ Portugal apodrece em todos os domínios além de umas fachadas e encenações de sucesso e não se vislumbra qualquer transformação real. Temos de quebrar este sonambulismo medíocre e a passividade e impotência em que vivemos.

As referências de Nuno Palma ao Estado Novo não autorizam qualquer apologia ideológica. Remetem-nos, sim, para o plano do presente em que a mudança necessária tem de se realizar. A temática do Estado Novo tem ainda o condão de cegar as pessoas para qualquer debate. Ninguém nega que muitas zonas desse Portugal viviam praticamente do mesmo modo que na Idade Média, mas o atraso perdura.

Quem ignorar o real, ou seja, a vida concreta, os factos, o que é maquilhado pela propaganda política e mediática, dirá que este é um país repleto de êxitos. As nossas histórias de sucesso – refiro-me ao país e não às conquistas futebolísticas – não têm substância. Um olhar irónico perceberá facilmente que o desfasamento entre o real e a encenação política ao longo dos séculos se pode narrar através

³ V. GDP *per capita*, 1950 to 2017, OurWorldinData.org/economic-growth.

⁴ *Jornal Económico*, 13 de Junho de 2021.

de uma sucessão de anedotas tristes. Não é pessimismo. O sucesso real, depois da publicidade, da festa, é diminuto e caricato. Uma notícia do *El País* de 3 de Abril de 2018, «Portugal, uma História de Sucesso», referia-se principalmente a indicadores económicos, após os procedimentos anteriores por *deficit* excessivo no país que obrigaram a uma intervenção estrangeira, pois, em 2021, tivemos de nos acocorar a pedir dinheiro para a nossa resiliência.

Portugal, nas mais diversas áreas, mudou significativamente nas últimas décadas, veremos porquê. A história não pára, mas todos os países com quem nos queremos comparar também mudaram, e para muito melhor, e os que estavam atrás de nós na Europa ultrapassaram-nos. Os nossos problemas mais urgentes continuam actuantes. Não existem paraísos no mundo, nem países sem problemas, mas há países mais desenvolvidos e com melhor qualidade de vida e outros bem mais atrasados. Há soluções que não seriam complicadas e outras que o são, mas nem as mais óbvias adoptamos.

Portugal é, de certo modo, um país falhado. Os partidos que governaram nas últimas cinco décadas, se retirarmos a propaganda, fracassaram. Podemos pensar que nem tudo é muito mau, mas é, face ao que o país poderia ser. Trabalhamos muito e mal, pagamos muitos impostos, recebemos pouco, exceptuando uns pequenos grupos que se perpetuam, mais por astúcia do que por mérito. Alguém que queira ver reconhecido o devido talento terá de emigrar, pois, mesmo no nosso melhor, nunca passamos de um assim-assim, de um menos-mau. Não há cultura de mérito e de avaliação, e perdura pelos séculos um nepotismo endémico em todas as áreas, desde a educação, à saúde, à política... Devíamos ser exigentes connosco, assumir a responsabilidade de cada um neste fracasso e agir.

Os problemas portugueses são estruturais, têm séculos, estão diagnosticados, mas iludimos o diagnóstico e teimamos em não os enfrentar.

Dizia o cineasta João César Monteiro que Portugal é um buraco onde se cai e um cu de onde não se sai. Lá fora, somos tão bons como

os melhores; em solo pátrio, o nosso crescimento e desenvolvimento, para lá da publicidade, são frágeis e insubsistentes. Individualmente, por cá, somos preguiçosos, desconfiados, invejosos e descrentes. Qualquer licenciado que sai do país, mesmo que seja para lavar pratos na Suíça ou trabalhar na restauração em França ou numa fábrica em Inglaterra, não quer voltar e não volta. Este é um país sem condições, a não ser para as suas elites endogâmicas e de comportamento medíocre que se alimentam desta inacção. A desigualdade social é crescente em Portugal, a corrupção é escandalosa. A política, a justiça, a educação, a saúde, a banca, muito do sector privado, para lá do *marketing*, estão destruídos e repletos de casos de incompetência e falsos sucessos que serão depois pagos por todos nós, os contribuintes.

O sector privado vive na dependência do Estado, salvo honrosas excepções; temos excesso de Estado e de tributação, ganhamos mal, vivemos a crédito, e a nossa literacia é rudimentar. Enquanto escrevo esta introdução, leio que fomos ultrapassados, tendo em conta o PIB acumulado entre 2019-2023⁵, por todos os países do Leste da Europa, como a Roménia, a Bulgária e a Lituânia, com excepção da República Checa, que ainda paga o preço de país recém-nascido, após a separação da Eslováquia.

A nossa estagnação, a persistência em cometermos sempre os mesmos erros, o não assumirmos as nossas falhas e não conseguirmos modificá-las mostram que as razões do nosso atraso são educativas, cívicas (passividade ou histeria não é civismo), culturais e mentais.

Qualquer português deve confrontar-se com a realidade do seu país e não só com ideias vagas sobre o mesmo, mas sobre o que é necessário mudar, o que é preciso fazer.

A questão do atraso, do desenvolvimento e da modernidade são faces do mesmo problema e, de tão reiteradas, tornaram-se temas fulcrais da nossa identidade.

⁵ Dados da OCDE. O mesmo organismo refere que Portugal vai ser o país da OCDE com a maior taxa de crescimento económico em 2022, mas é apenas um dado conjuntural e, como foi dos que mais caiu no período pandémico, com alguma recuperação dificilmente não seria o que mais cresceria.

Os culpados são eles, diz cada um de nós. Errado, somos todos responsáveis, mesmo individualmente. Somos responsáveis pelo que não fazemos, pelo que permitimos, pelo que não contribuímos para a mudança, que começa sempre por cada um de nós, e pelo que de negativo insistimos em manter.

Este livro é sobre o atraso estrutural que tentamos iludir, as suas causas e consequências. Estabelecer um diagnóstico consistente é um bom caminho para a mudança de facto. Sem a consciência do nosso atraso, primeiro passo decisivo, não haverá qualquer alteração, apenas simulacros, euforias e tristezas. Reiteramos também diagnósticos fundamentais já feitos, o que demonstra a tragédia que é a nossa incapacidade para a mudança. Regressamos a um texto decisivo, *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, de Antero de Quental, e apresentamos alguns episódios paradigmáticos do atraso português.

Esse texto de Antero é crucial, tem o seu tempo histórico, mas deve ser lido e relido, pois desperta-nos e impele-nos a pensar o nosso presente e remete para um projecto, sem o qual o pensar é estéril.

Temos falhado e iludido o nosso fracasso como país, mas tal não significa que tenhamos de continuar a errar. Não há fatalismos, nem modos de ser, nem essencializações de caracteres e de povos. O destino de cada povo é, em muito, o que ele quer e consente que seja, a identidade de um país também é a ideia do futuro que dele se tem e o que cada um está disposto a fazer.

Acertarmos e interiorizarmos o diagnóstico, deixarmos a bipolaridade e a reactividade da oscilação sem chão entre os melhores (que não somos) e os piores (que também não somos) é um bom primeiro passo. A intransigência para com os políticos e os média, mas também para connosco, é outro passo incontornável para invertermos essa tendência de persistirmos em aprofundar a nossa miséria. Deixemos as mitificações e a tomada das consequências pelas causas, pois a base é cultural e mental, e não económica.